CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO – FAROL DE LIBERDADE

A criação da Casa dos Estudantes do Império (1944-1965) foi sugerida pelo ministro das Colónias e apoiada pela Mocidade Portuguesa, para reunir numa só associação os jovens "ultramarinos" a estudar na metrópole. Além da sede em Lisboa e da delegação de Coimbra, houve uma tardia e efémera delegação no Porto. A Casa cedo subverteu as expetativas oficiais de um corpo obediente e alinhado com a ideologia imperial. Se o grupo fundador tinha simpatia do e pelo regime, a maioria dos elementos das direções eleitas que se seguiram contestou a ditadura e o colonialismo. Pela Casa (ou melhor: pelas Casas) passaram jovens de diferentes proveniências geográficas, de diferentes etnias, de diferentes origens sociais, culturais e económicas, de diferentes religiões e com diversas posições político-ideológicas. Juntos defenderam a liberdade e a independência da Casa num país fascista. Muitos deles viriam a participar nas lutas de libertação nacional, alguns dos quais em posições de destaque como militantes e dirigentes, outros como participantes na construção dos novos países africanos independentes.

Constituída por seis núcleos – *O desmoronar dos impérios Coloniais*; *A Casa por dentro*; *À volta da Casa*; *A Casa à descoberta do Mundo*; *A Casa vigiada*; *Para lá da Casa*, a exposição, essencialmente documental, visa reconstituir o percurso da Casa dos Estudantes do Império, inserindo-o no contexto nacional, imperial e internacional mais alargado, bem como dar a conhecer o universo humano que a compunha, a natureza e o impacto das suas atividades, as relações estabelecidas com o mundo exterior (a Oposição portuguesa, o movimento estudantil, redes de solidariedade anticolonial internacional, etc.), o processo de (re)descoberta dos seus territórios e culturas de origem e a importância do seu legado histórico.

A Casa foi alvo de rusgas e apreensões e finalmente encerrada pela polícia política da ditadura. Por isso, o que resta do seu arquivo institucional encontra-se no Arquivo da PIDE na Torre do Tombo. A exposição vive dos materiais que foi possível reunir, fotografias, publicações periódicas, livros, documentos oficiais, etc., muitos dos quais na posse de antigos associados que generosamente os cederam, outros disponibilizados pelo Arquivo da Fundação Mário Soares, pelo Arquivo Nacional Torre do Tombo, pela Biblioteca Nacional de Portugal, pela Hemeroteca Municipal de Lisboa, pela Imagoteca da Câmara Municipal de Coimbra, pelo Centro de Informação e Desenvolvimento Amílcar Cabral - CIDAC, pelo Arquivo do PCP - GES, entre outros arquivos e bibliotecas nacionais e municipais.

Em Lisboa, Coimbra e Porto, universidades e institutos foram frequentados por jovens provenientes do então império colonial, onde tais instituições eram inexistentes. Graças ao intenso convívio diário entre os sócios, a ambiguidade identitária de uns foi sendo clarificada, permitindo a muitos jovens reencontrar-se e projetar o seu futuro individual e coletivo.

Dois vetores da exposição merecem particular destaque: o que foca as contradições entre o projeto oficial que presidiu à criação da Casa e a dinâmica interna que conduziu ao afastamento da Casa dos propósitos enunciados pelo Estado Novo; e o que incide nos processos de consciencialização cultural e política e de crescente contestação do sistema colonial, em consonância com o movimento que emerge no rescaldo da II Guerra Mundial e se estende até aos anos 60, de afirmação dos nacionalismos asiáticos e africanos.

A Casa foi um pequeno farol de liberdade e solidariedade, um nó numa vasta rede de agentes, ideias, instituições e movimentos transnacionais de resistência ao colonialismo, uma imprevista antecâmara de independências futuras.